CORREIO
NO MUNDO

REUTERS/ FOLHAPRESS

Forças de Putin lançam ao menos 21 mísseis contra a Ucrânia

Rússia e Ucrânia se atacam horas após anunciarem negociação

Poucas horas após o anúncio da reabertura de negociações pela paz na Ucrânia, as forças de Moscou e de Kiev trocaram ataques aéreos intensos mirando as capitais adversárias ao longo da madrugada desta quinta-feira (22). As ações seguiram padrão de episódios em que conversas estavam sendo costuradas antes, com os dois rivais na guerra iniciada por Vladimir Putin em 2022 escalando suas ações no intento de demonstrar força ante os mediadores americanos. Foram lançados ao menos 21 mísseis balísticos em três ondas contra Kiev, além de mísseis e outros aviões-robôs contra diversas regiões. Ao menos 2 pessoas morreram e 34 ficaram feridas. O alvo foi novamente o sistema energético do país, abalado antes da chegada do inverno europeu. Na mão contrária, as forças de Volodimir Zelenski lançaram um mega-ataque mirando Moscou, envolvendo ao menos 650 drones.

Países trocam corpos de soldados abatidos

Segundo o Ministério da Defesa russo, todos foram abatidos, mas destroços feriram duas pessoas em uma cidade da região administrativa da capital. Também seguindo um padrão de sinalizações que antecedem negociações, houve uma troca de corpos de soldados mediada por Belarus. Os russos entregaram 252 cadáveres e os ucranianos, 25. A nova iniciativa do governo de Donald Trump de tentar acabar com a guerra que ele havia prometido paralisar em 24 horas na campanha eleitoral de 2024 tomou corpo nesta semana.

DIVULGAÇÃO/ CASA BRANCA

Donald Trump enviou Steve Witkoff para negociar com Zelenski

Reabrir negociações pela paz com mediadores

Na terça (20), o negociador Steve Witkoff esteve em Oslo com Zelenski, viajando para São Petersburgo para um encontro com Putin no dia seguinte. Na reunião, o líder russo disse que aceita reabrir negociações com os vizinhos na presença dos americanos. O ucraniano concordou, e quando as comitivas estiverem definidas a reunião deverá ser marcada para algum momento em novembro. O Kremlin manteve a fleuma, com o assessor Iuri Uchakov dizendo que as novas concessões ventiladas por Zelenski a Witkoff "ainda não nos satisfazem completamente".

Guinada americana favorável à Rússia

A visita de Witkoff, com a presença por videoconferência de seu usual parceiro de empreitadas Jared Kushner, deu sequência à guinada do republicano em favor da posição russa na guerra. Segundo o jornal britânico Financial Times, o americano voltou a sugerir o encontro que a China vinha costurando entre Trump, Putin e o líder Xi Jinping para discutir um acordo sobre a Ucrânia —sem a presença de Kiev, para protesto de Zelenski.

Ceder uma região

A reunião poderá acontecer às margens da cúpula dos países da Ásia-Pacífico, no mês que vem na cidade chinesa de Shenzhen. Apesar das sinalizações, ainda há o que Witkoff disse ser "muito trabalho à frente". Segundo uma pessoa com conhecimento do assunto em Moscou disse à reportagem, Zelenski disse ao americano que aceitaria ceder uma região.

Forças da Otan

Segundo a fonte, Zelenski aceitaria abrir mão do controle da região oriental do Donbass em troca da presença de forças da Otan na Ucrânia. Em público, o ucraniano só admitiu até aqui congelar as linhas de frente, que garantem quase todo o controle do Donbass e outras duas regiões para Moscou, mas a fim de negociar o status futuro.

Novela continua

Hoje, Putin ocupa quase 20% do país. Já o Kremlin não aceita de forma alguma forças estrangeiras no vizinho. É uma novela já vista várias vezes desde que Trump voltou à Casa Branca, no ano passado. Em outras ocasiões, ele também rifou a Ucrânia para pressionar Zelenski a ceder, mas acabou por se frustrar com Putin.

Objetivo político

Desta vez, contudo, o americano tem um objetivo político: as eleições de meio de mandato em novembro, nas quais seu partido pode perder o controle do Congresso. Para tanto, tentou amenizar a inflação de combustíveis causada primariamente por sua guerra no Irã fechando um acordo de compra de diesel de Vladimir Putin.

Situação difícil

Com isso, ele dribla o embargo europeu ao produto russo, que obrigou um redirecionamento do derivado para outros mercados, como Índia, China e Brasil. Os ataques de Kiev a refinarias russas, contudo, obrigaram Putin a interromper a exportação. Agora, Trump pressiona Zelenski a parar com as ações, colocando o ucraniano em uma situação difícil.

Serviços de satélite

O americano deu também outros sinais, interrompendo avisos prévios a Kiev de lançamento de mísseis balísticos russos, suspendendo o envio de mísseis de interceptação comprados por europeus para a Ucrânia e tolhendo o serviço de satélite militar no país invadido.

Por Igor Gielow (Folhapress)

Emmanuel Macron proíbe protestos 'ilegítimos' na França

Por **Folhapress**

REUTERS/FOLHAPRESS

Governo francês só autoriza atos organizados por sindicatos nos sábados

O presidente da França, Emmanuel Macron, afirmou nesta quinta-feira (22) que protestos "ilegítimos" serão proibidos nos próximos dias e responsabilizou grupos da extrema esquerda e vândalos pela onda de violência durante os protestos do último fim de semana. "Queremos um retorno à calma", disse.

Após reunião com chefes dos serviços de inteligência e ministros do governo no Palácio do Eliseu, Macron anunciou que, no próximo sábado (24), só serão autorizadas manifestações organizadas por sindicatos, e que elas poderão ser desviadas para trajetos alternativos para proteger estabelecimentos comerciais.

"A recomendação geral é que não haja manifestações nos próximos dias", afirmou. Reivindicações apresentadas por "pessoas que não têm nenhuma legitimidade para isso" serão rejeitadas, advertiu. "Não é o momento".

Macron afirmou que, no último fim de semana houve, organizados de extrema esquerda tentaram derrubar a República durante os distúrbios. Os serviços de inteligência são acusados de não terem previsto a dimensão da mobilização de sábado passado. Na quarta (21), o presidente já havia dito que não deve haver hesitação no topo do Estado na hora de punir os manifestantes envolvidos nos distúrbios.

A fala ocorre enquanto autoridades de todo o país se preparam para novos protestos do fim de semana. Na capital, os principais museus, incluindo Louvre, d'Orsay e Picasso, permanecerão fechados no sábado.

Já em Lyon e em Marselha, que estão entre as principais cidades do país, todos os atos previstos para foram proibidos. Em Marselha, o transporte público foi suspenso nesse dia. Rouen e Toulon também vetaram os protestos, decisão vista pela oposição como restrição às liberdades.

Ainda assim, novas manifestações já começam a se organizar. A principal entidade estudantil da França, a Unef, convocou atos, e o movimento dos Coletes Amarelos anunciou uma marcha pelo centro de Paris. Os estudantes secundaristas, mobilizados desde setembro por mais recursos para as escolas, também aderiram. Os sindicatos preveem ainda uma greve geral e manifestações em 5 de novembro.

Um protesto estudantil marcado para esta quinta em Paris foi proibido, e as autoridades de transporte fecharam estações de metrô no centro da capital para evitar aglomerações não autorizadas.

Segundo o ministro da Justiça, 217 pessoas foram presas por envolvimento nos distúrbios.

No fim de semana, o governo mobilizará veículos blindados, helicópteros e militares. O nível de mobilização será 20% superior ao da semana passada, anunciou o ministro delegado do Interior, Jean-Didier Berger.

Comerciantes do centro de Paris começaram a cobrir vitrines com tapumes, e muitos decidiram manter as portas fechadas no sábado. A Hermès disse ter reforçado a segurança de suas lojas no país.